

Uma análise dos operadores argumentativos nas tirinhas da Revista Adventista¹

Alysson Huf de OLIVEIRA²
Felipe CARMO³

Resumo:

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (Iasd) possui um vínculo muito forte com a mídia impressa. No Brasil, o periódico que se tornou porta-voz oficial da Iasd é a Revista Adventista (RA), que aborda temas de um ponto de vista exclusivamente denominacional. Ao longo de suas edições, o tema das Histórias em Quadrinhos (HQs) foi apresentado pelo periódico de duas maneiras distintas: uma visão demonizante da arte sequencial e uma visão sacralizante. Em 1977, ela quebra seus próprios paradigmas e passa a publicar pontualmente, em seu editorial, algumas charges/tirinhas. A prática, no entanto, é interrompida em 1980. Este trabalho vai analisar as charges/tirinhas publicadas pela RA para verificar quais os principais argumentos promulgados nelas. A análise será guiada pelos conceitos apresentados por Ingedore Koch e Ducrot, além de pesquisas de Parreira e Espíndola, que revelam a existência de elementos textuais que servem para direcionar a argumentação.

Palavras-chave: Adventismo; mídia e religião; HQs; Revista Adventista.

Introdução

Desde seus primórdios, no século XIX, a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) possui um vínculo muito forte com a mídia impressa. Por meio desta, a IASD conseguiu estabelecer a comunicação entre os crentes dispersos, divulgar eventos importantes para a denominação, tornar conhecidas as novas compreensões doutrinárias e orientar o comportamento de seus seguidores (CARVALHO, 2012). À medida que o movimento cresceu, rompendo as fronteiras dos Estados Unidos, onde foi fundado, a publicação de livros, periódicos e folhetos também se expandiu. Diversas editoras foram estabelecidas ao redor do globo e deram continuidade às publicações impressas,

¹ Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada Engenheiro Coelho, SP, 18/8/2016

² Bacharelado em Teologia e em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: alysson.huf@outlook.com

³ Mestrando em Língua e Literatura Judaica pela Universidade de São Paulo (USP); especializado em Teologia Bíblia (2013) pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC); e Bacharel em Teologia (2012) pela mesma instituição. E-mail: felipe.carmo@ucb.org.br

adaptando seus conteúdos às demandas regionais. No Brasil, o periódico que se tornou porta-voz oficial da Iasd é a *Revista Adventista* (RA), publicada desde 1906, e que aborda temas de um ponto de vista denominacional.

De acordo com seus objetivos, a RA pretende “alimentar espiritualmente os membros e informá-los, mantendo-os atualizados no tocante ao progresso da Obra, além de atuar como elemento unificador da igreja e para aprofundar o conhecimento das verdades bíblicas” (GUARDA, 1985, p. 41). Nesse sentido, a RA apresenta mensalmente ao público adventista um periódico com a proposta de abordar temáticas variadas de uma perspectiva exclusivamente denominacional.

Dentre os muitos temas abordados por ela, o assunto das Histórias em Quadrinhos (HQs) era comum a algumas edições a partir de outubro de 1942; essas menções se estendem até as edições mais recentes (ver CAMPOS, 1942, p. 10-11; BORGES, 2013, p. 21). Contudo, a abordagem da RA acerca das HQs não é apresentada de maneira homogênea: é possível distinguir, grosso modo, ocasiões em que a temática era apresentada de um viés que oscila entre a *demonização* e a *sacralização*. Em outros termos, ao passo que as HQs eram expostas como as responsáveis pela delinquência juvenil da época, em outras ocasiões, as mesmas eram utilizadas como um gênero para fins evangelísticos entre as publicações da IASD (CARMO; NOVAES, 2015). Com efeito, a relação entre a RA e as HQs, com o passar dos anos, permanece oscilante, com perspectivas para o futuro ainda muito incertas, sendo possível, ainda hoje, constatarem-se abordagens positivas ou negativas em relação à temática das HQs.

Visto que as principais críticas à arte sequencial como gênero desaparecem da RA durante a década de 80 – a saber, as HQs como má literatura –, é importante enfatizar as ocasiões em que a revista pretendia desenvolvê-lo à sua maneira. Até então, a mera união entre imagem e texto poderia causar, na opinião da RA, “preguiça mental” (HOLTZ, 1963, p. 9-10); ou evidenciar “falta de cultura” (BONINI, 1955, p. 9). Por conseguinte, com o crescente abandono de algumas críticas pontuais, a RA, em 1977, passa a inserir na edição de março uma “charge” no editorial da revista – em algumas ocasiões eram utilizadas tirinhas. Esse acréscimo, é importante sublinhar, representa

uma quebra de paradigma no periódico adventista que, em décadas anteriores, demonizava o próprio gênero da arte sequencial.

O costume de inserir “charges” nos editoriais, contudo, parece ter perdurado por apenas três anos e oito meses, sendo omitidas a partir da edição de outubro de 1980 por motivos ainda desconhecidos. No total, foram publicadas exatamente 43 charges/tirinhas no editorial da *RA*. Ainda assim, a respeito daquelas que temos acesso, vale enfatizar a dificuldade de caracterizá-las como “tirinhas”, no sentido de que possuem uma mensagem específica.

Permanece ainda dificultoso identificar todos os artistas engajados na tarefa de confeccionar as ilustrações para a revista; dentre eles, podem apenas ser identificados, a partir de suas rúbricas, “Côrte Real”, “Wanderly”, “Heber” e “Juarez”, sendo este último o maior contribuidor. Ao que parece, o material publicado nos editoriais da *RA* não possuía um fim em si mesmo, atuando, grosso modo, como uma espécie de “propaganda” do artigo principal de sua edição.

Disto isto, o presente trabalho vai analisar todas as charges/tirinhas publicadas pela *RA*, que podem ser encontradas no acervo digital do periódico. Levando-se em conta que, como explica Koch (1996), toda linguagem é dotada de intencionalidade e se caracteriza pela argumentação, e utilizando a análise dos operadores argumentativos – como apresentado por Ducrot (2008) em sua Teoria da Argumentação ou Teoria dos Topoi –, esta pesquisa se propõe a responder a seguinte questão: quais os principais operadores argumentativos utilizados nas tirinhas/charges da *RA* e como eles são utilizados? O objetivo é analisar a maneira e os propósitos com que o periódico utilizou a nona arte em suas páginas.

Argumentação e linguagem

Comentando os progressos acadêmicos no campo dos estudos linguísticos ao longo das últimas décadas, Koch (1996) destaca que a função social da linguagem tem sido um assunto de grande destaque entre os linguistas. Para a autora, a “função social da linguagem” se refere ao fato de que o ser humano só usa a língua porque vive em comunidade. Por conviver com outros indivíduos, o homem tem necessidade de se

comunicar com eles e estabelecer relações de tipos variados, buscando obter dos outros reações ou comportamentos específicos. “Desta forma, a linguagem passa a ser encarada como forma de ação, ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade” (KOCH, 1996, p.17).

Ela explica que, por possuir racionalidade e vontade, o ser humano está sempre formando juízos de valor e, por meio do discurso – “ação verbal dotada de intencionalidade” –, procura exercer influência sobre o comportamento de seus semelhantes e convencê-los a partilhar de suas convicções.

É por esta razão que se pode afirmar que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo (KOCH, 1996, p.19).

Nas palavras do próprio Ducrot (2008, p. 18), a ideia é de “uma argumentação intrínseca à língua”. Ao falar do autor, Parreira (2006, p. 22) explica que Ducrot e a Semântica Argumentativa mostram como “um argumento que objetiva levar a uma conclusão se realiza através do uso de morfemas que servem para levar os argumentos a terem uma relação de menor ou maior força para uma determinada conclusão”. Esses morfemas que conduzem o sentido do texto e indicam a força argumentativa dos enunciados são chamados de “operadores argumentativos”, termo cunhado pelo próprio Ducrot, que também é criador da Semântica Argumentativa.

Explicando a terminologia de Ducrot, Parreira (2006, p. 22) explica os operadores argumentativos da seguinte forma:

Um morfema X é operador argumentativo em relação a uma frase P se três condições forem preenchidas: a) pode-se constituir a partir de P uma frase P’, introduzindo-se X em P, isto é, $P' = X + P$; b) em uma situação de discurso determinada, um enunciado de P e um de P’ possuem valores argumentativos nitidamente diferentes; c) a diferença argumentativa não pode

ser derivada de uma diferença factual entre as informações fornecidas pelos enunciados de P e de P'.

Usando o exemplo da própria autora, pode-se pensar num enunciado **P**: “Pedro trabalhou um pouco”, em que “um pouco” pode ser substituído por “pouco” e formar a frase **P'**: “Pedro trabalhou pouco”. “Pouco” ou “um pouco” podem constituir-se operadores argumentativos se um enunciado de **P** e um de **P'** permitirem conclusões diferentes.

Assim, ampliando o exemplo de Parreira (2006) para o que é dado por Ducrot (2008), pode-se ter:

- (a) Pedro trabalhou um pouco. Ele vai conseguir.
- (b) Pedro trabalhou um pouco. Ele não vai conseguir
- (c) Pedro trabalhou pouco. Ele vai conseguir.
- (d) Pedro trabalhou pouco. Ele não vai conseguir.

Percebe-se que as frases (a) e (c) ou (b) e (d) chegam às mesmas conclusões a partir de “pouco” e “um pouco”. “Sentimos, no entanto, muito bem que a argumentação não é a mesma em (a) e em (c), nem tão pouco em (b) e (d)” (DUCROT, 2008, p. 35). Faz-se necessário neste ponto recorrer à teoria dos topoï para identificar qual o sentido da argumentação em cada frase e verificar se, de fato, “um pouco” e “pouco” são operadores argumentativos.

O topos é “o ponto de articulação entre a língua e o discurso” (ESPÍNDOLA, 1998, p. 174). Grosso modo, pode-se afirmar que o topos é o “pressuposto argumentativo” de um enunciado, ou seja, a ideia – ou princípio geral – que permeia todo o enunciado. “Enquanto não se descobre o topos, não se pode compreender o que o argumentador pretende” (ESPÍNDOLA, 1998, p. 177).

Voltando aos exemplos, há dois topoï distintos que podem ser identificados:

T1: O trabalho leva ao êxito

T2: O trabalho leva ao fracasso

Se o topos “defendido” é o T1, conclui-se que os enunciados (a) e (d) são equivalentes; no caso de T2, seriam os enunciados (b) e (c). Assim, se o trabalho leva ao êxito (T1) e Pedro trabalhou pouco, logo Pedro não vai conseguir [ter êxito] (d); mas, se Pedro trabalhou um pouco, ele vai conseguir (a). Ou seja, “um pouco” e “pouco” são operadores argumentativos de (a) e (c), pois o uso deles altera o valor argumentativo dos enunciados, conduzindo-os a conclusões diferentes.

Ao se examinar esses operadores, Koch (1996) assevera ser importante retomar a noção de escala argumentativa, que foi desenvolvida por Ducrot. Segundo ela, “**p** é um argumento para a conclusão **r**, se **p** é apresentado como devendo levar o interlocutor a concluir **r**” (KOCH, 1996, p. 105). Assim, quando vários argumentos são encadeados numa escala graduada, eles apontam com maior ou menos força para a conclusão intencionada e, portanto, pertencem à mesma escala argumentativa.

Argumentos nas charges/tirinhas

Parreira (2006) e Koch (1996) descrevem em seus trabalhos uma série de operadores argumentativos e suas funções. Não cabe neste trabalho elencar toda a longa lista formulada pelas pesquisadoras, mas os operadores e suas funções por elas elencados serão utilizados a seguir, na análise das charges e tirinhas da *RA* que foram publicadas nos editoriais do periódico entre 1977 e 1980. Todas elas podem ser encontradas no acervo digital da revista. Essa análise buscará identificar quais os operadores argumentativos utilizados nas ilustrações, quais as funções que eles exercem e qual o objetivo deles no discurso das charges/tirinhas.

Antes disso, convém destacar que todas essas ilustrações publicadas nos editoriais tinham por objetivo convidar o leitor a ler o artigo principal da respectiva edição da revista. Portanto, de um modo ou de outro, todas elas apresentam o número da página do artigo referenciado. Além disso, nem todas apresentam operadores argumentativos ou discursos argumentativos. De todas as ilustrações, 13 delas foram selecionadas por possuírem operadores claros no texto.

Em março de 1977 foi publicada a primeira ilustração de série, mas não possuía nenhum operador argumentativo. Na charge de abril de 1977, a segunda da série, temos a seguinte cena:



Fonte: Revista Adventista (abril de 1977)

“Pior do que” é um operador argumentativo que, segundo Parreira (2006), estabelece relações de proporção entre elementos. Neste caso, ele estabelece uma relação de proporção entre os dois enunciados, pois o segundo possui mais peso o primeiro, afirmando que há na igreja um problema maior do que o “farisaísmo”.

Em maio de 1977, a revista publicou esta ilustração:



Fonte: Revista Adventista (maio de 1977)

Nesta charge/tirinha há dois operadores: o “já” e o “então”. O “já” é classificado como um marcador de excesso temporal ou mudança de estado. Neste caso, ele indica que a frequência com que os professores da garota falam de teorias evolucionistas afetou (mudou o estado) a mente dela, deixando-a em dúvida. É possível entender, implicitamente, que ela possui uma crença criacionista ou não-evolucionista que corre o risco de ser abandonada. Afinal, ela não teria motivos para ficar confusa se já possuísse uma perspectiva evolucionista.

O enunciado do rapaz da ilustração apresenta-se como uma solução direta para a dúvida da garota. O operador “então” deixa isso claro, pois serve para apontar a conclusão de argumentos apresentados anteriormente, como explica Parreira (2006). Se ela está em dúvida, então basta ler o artigo da página 10 da revista para seu antigo estado mental seja reestabelecido e sua crença não-evolucionista seja reafirmada.

Na edição seguinte, junho de 1977, foi publicada a seguinte ilustração:



Fonte: Revista Adventista (junho de 1977)

Neste caso, a expressão “e sim”, do segundo enunciado, é um operador argumentativo que trabalha para complementar duas afirmações que possuem uma mesma direção argumentativa. Ele une uma negação a uma asserção positiva.

Em agosto de 1977, a charge tirinha volta a apresentar operadores argumentativos:



Fonte: Revista Adventista (agosto de 1977)

Esta figura apresenta dois operadores: “é verdade” e “e ... também”. O primeiro funciona como reforço de algo já dito – neste caso, a afirmação de comer carne é um grande risco. O “e ... também”, por sua vez, é um operador que acrescenta mais um argumento. Aqui, ele lembra que, além da carne, o açúcar é inimigo do homem.



Fonte: Revista Adventista (setembro de 1977)

Esta charge/tirinha de setembro de 1977 possui dois operadores. O primeiro é o já, que transmite o sentido de mudança de estado: o rapaz está cansado de sermões baseados em recortes. Ele passou de um estado não cansado para o cansado. O outro personagem concorda e, com o “aliás”, acrescenta um argumento que passa a ser decisivo.

Em abril de 1978, a seguinte ilustração apareceu no editorial:



Fonte: Revista Adventista (abril de 1978)

O enunciado é uma pergunta retórica, ou seja, o enunciador não espera ser respondido pelo receptor. O operador “então” deixa subentendido que a resposta da pergunta é não, o leitor não sabe por que a epístola de Tiago é chamada de “epístola de

palha”. Ele assume a ignorância do leitor para reforçar a necessidade de ele ler o artigo da página 16.

A tirinha de outubro de 1978, além de ser uma das únicas que realmente se parecem com uma tirinha, apresenta dois operadores argumentativos utilizados de maneira criativa.



Fonte: Revista Adventista (outubro de 1978)

“Ora” é normalmente utilizado para se expressar um juízo de valor, que nessa tirinha se manifesta como a crença do pai de que o filho não é capaz de compreender o conceito de dízimo. No terceiro e quarto quadrinho é possível ver a mãe da família impaciente, reprovando a atitude do pai sem soltar uma palavra, apenas usando a linguagem corporal. O pai, então, tenta argumentar, lançando um questionamento iniciado pelo operador “mas”, que sempre revela oposição entre argumentos. Nesse caso, oposição ao argumento implícito da mãe de que a criança é capaz sim de aprender sobre mordomia.

Em abril de 1979 foi publicada esta ilustração:



Fonte: Revista Adventista (abril de 1979)

O operador argumentativo “mas” é utilizado neste caso para se opor a uma ideia que fica implícita no primeiro enunciado. Como o sábado é considerado um dia sagrado e de descanso para os adventistas, o primeiro enunciado da ilustração deixa subentendido que o personagem quer descansar no sétimo dia da semana, abrindo mão de fazer qualquer atividade. A esse ideia latente o segundo enunciado combate, afirmando que o sábado não é dia de cruzar os braços.

Em junho de 1979 foi publicada a seguinte ilustração:



Fonte: Revista Adventista (junho de 1979)

O operador argumentativo “se” sempre apresenta a ideia de condição. A ideia implícita nos enunciados é a de que se os Testemunhas de Jeová lessem o artigo da página 40 dessa edição, ele mudariam a crença na não corporeidade de Jesus. De forma bem mais clara, o mesmo operador é usado na charge/tirinha da edição de julho de 1979. Nesse caso, a leitura do artigo referido mudaria a crença do personagem de que a lei foi abolida.



Fonte: Revista Adventista (julho de 1979)

A ilustração de setembro de 1979 trouxe mais uma vez o operador argumentativo “também”.



Fonte: Revista Adventista (setembro de 1979)

Acrescentando mais um argumento decisivo em duas escalas de mesmo sentido, o “também” revela que o mesmo sofrimento (“Ai”) destinado às pessoas “de babilônia”, ou seja, às pessoas “não convertidas”, está reservado para as pessoas que fazem parte da igreja, mas que não abandonaram o pecado.

Considerações Finais

As charges/tirinhas da *RA* tiveram vida curta, durando menos de quatro anos o período de sua publicação. Dada a pequena ocorrência de operadores argumentativos claros nessas ilustrações, nota-se que elas não tinham o objetivo primordial de apresentar uma argumentação para os leitores da revista. Elas serviam, antes, mais como uma “propaganda” do artigo principal, não como uma discussão ou um jogo de ideias.

Apenas 13 das ilustrações possuíam uma argumentação verificável textualmente e que fazia uso de operadores argumentativos. Destes, os mais comuns foram “então”, “mas”, “se” e “também”, que apresentam assinalam conclusão, oposição, condição e reforço argumentativos, respectivamente.

Percebe-se que a maior parte das charges/tirinhas apresenta temas relacionados ao comportamento cristão, como saúde, moda, educação e guarda de mandamentos. Em menor quantidade se percebe a presença de temas teológicos, discursos que buscam referenciar crenças e conceitos teológicos promulgados pela *RA*.

De forma geral, como os operadores argumentativos que mais aparecem são “então”, “também” e “aliás”, que funcionam como acrescentadores de argumentos decisivos (KOCH, 1996), pode-se notar que o que as ilustrações mais defendem é a capacidade de a revista fornecer respostas definitivas para dúvidas apresentadas nas charges/tirinhas.

Referências bibliográficas

BONINI, Iside M. A biblioteca familiar. **Revista Adventista**, p. 9-10, set. 1955.

BORGES, Michelson. Superman: Uma paródia de Jesus Cristo. **Revista Adventista**, p. 21, jul. 2013.

CAMPOS, Gutemberg de. A boa leitura. **Revista Adventista**, p. 10-11, out. 1942.

CARMO, Felipe S.; NOVAES, Allan M. As Histórias em Quadrinhos e o Adventismo Brasileiro: Conflitos e Aproximações na *Revista Adventista*. In: **28o Congresso Internacional Soter**, 2015, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

CARVALHO, F. L. C. A Igreja Adventista do Sétimo Dia e a Mídia Impressa. **Acta Científica**, Engenheiro Coelho, SP, v.21, n.2, pág. 89-100, jan/abr de 2012.

DUCROT, Oswald. Argumentação e “Topoi” argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo. **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 2008.

ESPÍNDOLA, Luciene C. “Né” e “eu acho que”: operadores argumentativos do texto falado. In: **Graphos**, v.3, n.1, pág. 172-185, 1998.

GUARDA, Márcio D. Folhas de Outono, Inverno, Primavera e Verão. **Revista Adventista**, p. 40-43, dez. 1985.

HOLTZ, Alfredo. Série porque nossos filhos se afastam de Deus VII: o que lêem os nossos filhos? **Revista Adventista**, p. 9, mar. 1963.

KOCH, Ingedore G. V. **Argumentação e Linguagem**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

PARREIRA, Míriam S. **Um estudo do uso de operadores argumentativos no gênero editorial de jornal**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.